

Amc

10 FEV 1987

*É hora de cuidar do interesse nacional* Editorial

ESTADO DE SÃO PAULO

A Assembléia Nacional Constituinte é Poder do Estado? Não. Compõem-na senadores e deputados, a fim de elaborar, em regime unicameral, a nova Lei Magna. O Poder Legislativo, ainda composto por Senado Federal e Câmara dos Deputados, continua, nos termos da Constituição vigente, a desempenhar as atribuições que detém e que, se forem alteradas, só se modificarão, na prática, quando for promulgado o texto constitucional que substituirá, por inteiro, esse que vigora hoje — e ao qual devem os constituintes o mandato que exercitam. Assim, não se entende por que ou para que o deputado Amaral Neto (PDS-RJ), líder de partido, e a bancada do PFL, que deveria estar mais atenta ao que sucede ao redor, pretendem que o deputado Ulysses Guimarães, como presidente da Assembléia, encaminhe diretamente ao presidente da República pedidos de informação formulados por membros da Constituinte. No propósito de transformar essa Assembléia em poder único do Estado, o deputado Agassiz Almeida (PMDB-PB) apresentou proposta de

Ato Constitucional que visa a subordinar as Forças Armadas, não mais ao presidente da República, e sim ao deputado Ulysses Guimarães...

Que fazer? Todos os que tiveram uma parcela de participação na condução do procônsul às várias presidências que ocupa, tentando a escalada para alcançar o Poder Executivo, terão colaborado para a confusão que se criou. Registre-se que não faltam mal-intencionados empenhados em avivá-la. Na legenda peemedebista eles não são poucos; e querem demolir a Presidência da República, esvaziá-la, encilhá-la à Constituinte.

Maneiroso, elogiando o presidente polivalente, o senador José Richa faz saber, entretanto: "Não quero pensar em enfraquecer o deputado Ulysses Guimarães, mas se ele não se licenciar da presidência do PMDB todos nós vamos naufragar juntos. O partido está relegado a segundo plano com o acúmulo de cargos do presidente. O PMDB está imobilizado, os constituintes perplexos e até por isso o Congresso está com esse ar de apa-

rente confusão". Como poderia ser diferente? O dr. Ulysses, com apetite devorador, quis dirigir a Câmara e a Constituinte, sem assumir qualquer compromisso no tocante a transferir a função que exerce no partido oficial. E, como quis, obteve. Parece que (o leitor de bom senso sabe se isso será bom ou não para o País), dentro de pouco tempo, se dirá dele o que Eça disse de sua criação magnífica, o excelso Pacheco: "Foi tudo, teve tudo". O problema é que do personagem descrito magistralmente o autor esclarecia não haver deixado sua marca no que quer que fosse, em Portugal. Não realizara uma obra de mérito, sequer escrevera um livro. No entanto, quando faltou, apressou-se o conselheiro Acácio em propor que se levantasse uma estátua: Portugal chorando o gênio.

Ora, é aí que o deputado paulista leva vantagem sobre o modelo. O Brasil lhe deve, em boa parte, por conta de interesses eleitorais, o congelamento de preços que garantiu o fastígio eleitoral do PMDB e desgraçou a economia nacional. Convenha-

se que não é pouco. A astúcia do procônsul levou-o a engrossar, decidida e decisivamente, a corrente que pressionou o Planalto para manter o congelamento. Jejuo em economia, o presidente José Sarney embarcou na fantasia da inflação zero, sem se informar de que imprimir papel-moeda para cobrir déficit público equivalia a alimentar a espiral inflacionária. O resultado aí está, à vista de todos, mas o dr. Ulysses se movimenta como se estivesse convicto de haver escapado ao desastre da queda dos ibopes do governo.

É lamentável que em hora de crise nacional, cuja gravidade não é preciso acentuar, se trabalhe para enfraquecer o Executivo e satisfazer ambições pessoais. Pior porém é que haja público para estimular essas ambições e voluntários dispostos a fazer força para vê-las recompensadas. Pois isso indica que o País conta pouco diante de interesses menores. Para não cultivar o pessimismo e o desânimo, caberia lembrar, concluindo, que o povo, bem informado, avaliará os lances que se desenrolam no prosaíco político.